

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral		Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral	
dos correios	1\$100 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	dos correios	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »



SUMMARIO

1.ª Secção do Congresso Catholico—SECÇÃO DOCTRINAL: *As eleições nos templos*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. F.; *Catecismo da doutrina christã*, (noticia bibliographica), pelo rev. snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO LITTERARIA: Dr. Salles: *O problema de Lourdes*; *Os dois pastores* (Episodio da vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres)—SECÇÃO ILLUSTRADA: *S. Leoncio e companheiros, martyres*—SECÇÃO NOTICIOSA.

Gravuras: *S. Leoncio e companheiros, martyres.*



S. Leoncio e companheiros, martyres

Congresso Catholico do Porto

Realison-se, como fôra annunciado, o Congresso Catholico, no Porto. E, como aliás era de crer, attentos os cavalheiros que constituíam a sua commissão organisadora, especializando o seu dignissimo presidente, o bom, o preclaro, o bondoso e o prestigioso prelado d'esta diocese, tudo correu com o maximo luzimento e esplendor.

No primeiro dia—8 de dezembro—dia em que a Egreja solemnisa a Immaculada Conceição da Virgem Maria, começou a funcionar o Congresso, primeiro com as solemnidades religiosas no templo da Cathedral, e á noite com a primeira sessão solemnemente no vasto salão da Associação Catholica do Porto.

Começamos a nossa resumida reseña pela parte realisada no primeiro dia,

No templo da Sé

A's 8 horas da manhã foi resada uma missa pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Conego Dr. Manoel Luiz Coelho da Silva, dignissimo Provisor e Vigario geral na diocese do Porto.

Em seguida paramentou-se o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, e deu a sagrada communhão primeiro aos seminaristas, e depois a todos os fieis, que devidamente preparados, se apresentaram para esse fim. E foi tamanha e tam copiosa a concorrência de fieis a esse augusto sacramento, que tendo começado ás 8 e meia, só terminou ás 10, e isso por terem acabado as sagradas particulas, retirando-se muita gente ainda, sem poder commungar.

A's 11 horas começou a missa de pontifical, sendo celebrante o nosso venerando prelado, e assistindo na capella mór os Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Snrs. Arcebispo Bispo de Portalegre, Arcebispo de Mytilene, representantes d'outros prelados, e de cabidos, etc.

Ao evangelho subiu ao pulpito o Rev.^{mo} Monsenhor Conego Francisco Xavier da Cunha, secretario particular do Rev.^{mo} Arcebispo de Braga, que proferiu um discurso á altura da sua erudição e da justa reputação em que é tido. O orador, tomando por thema o versiculo de Isaias *Omnes isti congregati sunt venerunt tibi*, fallou das luctas do espirito, muito mais arduas do que as dos exercitos, sobretudo se ellas dizem respeito a assumptos religiosos. Desenvolveu depois esta these com toda a eloquencia, descrevendo as luctas que a Egreja tem sustentado. Fallou depois no poder do Vaticano, na abertura das portas santas das basilicas, para commemorar o Anno Santo, e na reunião do Congresso Catholico, cujos fins engrandeceu, e para cujo

resplendor concorreram os prelados do reino, uns com a sua presença, outros com as suas adhesões.

Em seguida descreveu a criação do Mundo, fallou da magestade e pureza da Mãe de Deus, e na augusta verdade da Immaculada Conceição, que elle demonstrou á evidencia. Tratou por fim do programma do Congresso convocado em homenagem solemnemente ao Redemptor e á redempção.

Terminada a missa, realisou-se por volta das tres horas da tarde, uma

Sessão no Paço episcopal

O snr. Conde de Samodães, como presidente da Associação Catholica, pediu ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} prelado a honra de presidir ao Congresso, ao que o digno Prelado promptamente annuiu. Em seguida foi enviado um telegramma a Sua Santidade, pedindo a benção apostolica para o Congresso Catholico.

A's oito horas da noite, entrava o venerando prelado, na

Associação Catholica

Cujo vasto salão estava já apinhado de numerosissimos congressistas, em cujo numero se via uma enorme asleção de damas e cavalheiros,—tudo quanto de mais illustre tem esta cidade—todas as auctoridades religiosas, civis e militares.

Tomou a presidencia o Snr. D. Antonio Barroso, sendo ladeado pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Arcebispo Bispo de Portalegre e Arcebispo de Mytilene, seguindo-se depois os representantes dos prelados, auctoridades etc.

A orchestra, a grande instrumental, da capella Silvestre executou uma symphonia, entoando depois os cantores o hymno: *Veni, Sancte Spiritus*.

O Snr. Conde de Samodães ergueu vivas a Sua Santidade Leão XIII, ao Snr. D. Antonio Bispo do Porto e aos Ex.^{mos} Prelados ali presentes e representados. Estes vivas foram entusiasticamente correspondidos.

Em seguida o Snr. D. Antonio começou por dizer que o Catholicismo, fonte perenne das mais salutareis alegrias, vibrava de santo entusiasmo n'aquelle dia hemdito, consagrado á glorificação da Rainha do Ceu n'uma das suas mais augustas e adoraveis prerogativas.

Sob as abobadas dos templos reboavam suavissimos cantos, inspirados na contemplação do sublime conceito da Conceição Immaculada da Virgem Mãe.

Parece que n'este dia a poesia e a musica tem accordes e inspiração, melodia e rhythmos inconfundiveis. As grandes solemnidades tem esses magestosos canticos tão suggestivos e encantadores que arrebatam a nossa alma e a alimentam de suave e consolador mysticismo; ha, porém, nas d'hoje

o quer que é de especial que exhala fragancias de singular perfume e que interessam mais que quaesquer outras as facultades affectivas da nossa alma crente. E' aqui que o coração filial a transbordar de santos e jubilosos affectos na consideração da mais sublimada pureza, a alma que sabe sentir, a alma que se enleva no entranhado amor da candidez da virtude, é aqui sim que ella desfere largos vôos e alçando-se aos páramos da luz em que brilha a virtude sem mancha, canta suavissimos hymnos em que engrandece e exalta a Mãe querida do divino Verbo—*Regina sine labe concepta quia fecit mihi magna quia potens est*.

Este dia, que é consagrado pela Santa Egreja a celebrar a Conceição Immaculada de Maria, é de festa mui particular n'esta boa terra portugueza. E' de tradição secular no nosso paiz a crença n'esta augustissima e adorabilissima prerogativa; creança attestada e confirmada nos actos da vida civil que não só nas da parte religiosa, creança affirmada pelos nossos maiores em tantos documentos respeitaveis, em tantos padões insignes, que são outros tantos pregoeiros d'essa adoravel tradição que herdamos e agora consagrada pela definição dogmatica conservamos como perola preciosissima, como brilhante do mais subido quilate. Na celebração d'esses promposos e rendidos cultos e n'esta honrada herança cabe avultadissimo quinhão á cidade do Porto. E' n'esta cidade, nobre e distincta entre as que mais se distinguem nos cultos consagrados a Maria na sua Conceição Immaculada, que ella tem singular e especial consagração e tanta e de tal ordem que mereceu ser condecorada com o titulo de cidade da Virgem.

E' um titulo nobilitador, um titulo de gloria que na sua simplicidade é sublime, é uma apologia digna de ser apreciada por todos os bons portuenses, que terão a peito conservá-la e evidenciar-a á porfia e sem reboço, mas corajosa e honradamente—cidade da Virgem. Estas singelas expressões que se usam trivialmente, reúnem toda uma epopeia d'affecto, de veneração e d'amor de filhos estremecidos para a Mãe carinhosa sem par.

Para elle, orador, pobre Bispo d'esta cidade, que abriu os olhos á existencia quasi simultaneamente com a proclamação dogmatica d'esta verdade de fé:—«que Maria foi concebida sem mancha do peccado original»; para elle, educado no salutar amor d'esta Mãe amabilissima, é este titulo da cidade, séde da sua diocese, de um preço inestimavel.

O Porto, cidade da Virgem, continuará sempre a merecer pela sua crença e pelo esplendor dos cultos con-

sagrados a glorificar a Conceição Immaculada de Maria, esse tão bello e nobre titulo. Dizem-no e bem alto o proclamam as solemnidades com que esses cultos foram hoje celebrados. Bem o attesta a numerosa assistencia dos fieis a essas solemnidades. Do alto da tribuna sagrada a voz dos sacerdotes com eloquencia christã, entoucou leuores, recitou panegyricos para engrinaldar o santo nome de Maria.

Na cathedral do Porto, o povo fiel que em tão grande numero ali concorreu teve a ventura de ouvir por voz de ministro auctorizado, o ensino doutrinal do dogma por fórma que a todos nos edificou, deixando no nosso espirito suave impressão d'uma eloquencia apreciavel e apreciada.

Sendo assim e havendo proposito de celebrar n'esta cidade um Congresso Catholico, este dia era o mais appropriado e havendo de se reunir n'esta casa, estava tambem elle naturalmente indicado por ella estar sob a protecção especial da Santissima Virgem na sua Conceição Immaculada.

Por isso esta egregia reunião de crentes é uma homenagem a este dogma, glorificação d'elle e affirmacão de que, sob tão auspiciosa protecção, se celebrou este Congresso. Os que ali se achavam congregados estavam-no para se occuparem d'assumptos momentosos, que respeitam grandemente aos mais caros interesses da religião. Serão ali expostos e discutidos assumptos theoreticos e praticos no intuito de bem orientar a opinião, dirigindo-a para o que deve ser: alvo supremo de todas as aspirações. Tudo se fará n'essa conformidade, segundo a provada competencia dos congressistas activos.

N'aquelle Congresso não haverá mera ostentação de saber, embora venham erudições variadas apresentar-se com armas de boa tempera na defeza da sã doutrina; não se fará tambem uma revista de forças, porque nem aquella ostentação se compadece com o caracter dos congressistas, nem esta podia estar no animo de ninguem. Todos teem a peito contribuir para o bem de todos. E' esta a norma que vae guiar os trabalhos d'este Congresso.

Não ha duvida que os Congressos catholicos influem poderosa e beneficentemente na vida, no sentir e na opinião publica, nem sempre, é certo, d'um modo directo e immediato, mas ao menos indirectamente e no futuro mais ou menos proximo, mais ou menos remoto. A experiencia está feita nos paizes onde elles se estabelecem.

Em Portugal alguns se teem celebrado. Não é intuito d'elle, orador, fazer-lhes a historia nem apreciar-lhes os bons fructos, que certamente produziram; mas não póde deixar de refe-

rir-se ao primeiro da provincia ecclesiastica bracarense por se haver celebrado n'aquelle mesma sala. O Porto assistiu respeitoso deante d'essa manifestação, que logrou benevoló acolhimento de todos n'uma epoca em que ainda em certos espiritos havia apprehensões sobre os intuitos desinteressados que tinham presidido á sua convocação, pela seriedade com que foi celebrado, pela elevada correcção com que se houveram os oradores, dois dos quaes se acham agora inscriptos para fallar no Congresso actual. Essa impressão d'acatamento e respeito da opinião publica reflectindo-se na imprensa periodica de todas as parcialidades, constitue já por si uma vantagem, e quando outra não produzisse, essa só por si como affirmacão de principios expressos publicamente e applaudidos em diversos campos em que se dividem as opiniões, era mais do que sufficiente para recompensar os que n'ella trabalharam, se recompensa desjassem que não fosse a do dever cumprido e a que, em consequencia, está promettida n'outra esphera aos que bem fazem.

Mas, se não tivéssemos ainda essa boa experiencia, tínhamos a elucidar-nos e a guiar-nos por este caminho a voz sobre todas auctorizada do Successor de S. Pedro, Vigario de Jesus Christo na terra. O nosso amantissimo Pontifice tem, em varias circumstancias, aconselhado e recommendado estas reuniões e com a sua benção tem animado e certamente feito frutificar os Congressos Catholicos. E' n'este espirito de obediencia a taes recommendações, e n'este espirito da mais intima união, com a Cadeira apostolica que os congressistas, n'aquelle dia consagrado a celebrar a Conceição Immaculada de Maria Santissima, se acham congregados n'aquelle recinto.

Entre jubilos de sã e christã consolacão, que todos os dias elle, orador, experimenta pelo carinho com que o tratam os seus amados diocesanos, e que ainda ha pouco teve a dita de fruir na parte da visita pastoral que fez e na recepção expontanea que esta cidade lhe preparou no regresso; o jubilo d'este dia, vendo ali tão subido numero de bons catholicos que com a sua presenca traduzem a sua fé; vendo-se acompanhado e secundado n'esta obra por illustres oradores que nos recursos das suas qualidades encontrarão meios de esmaltar formosamente o bello campo da Igreja; tendo a felicidade de vêr ali presentes Prelados venerandos, que com a sua assistencia veem auctorisar esta reunião; o jubilo n'este dia, por estas considerações continuas, é grande, muito grande, e n'aquelle dizer singelo ia a traducção dos seus

sentimentos d'alma mui agradecida. Grande mercê de Deus que no meio da fadiga e cuidados inherentes ao cargo pastoral, lhe concede assim taes graças e favores tão grandes. Trabalhem todos que Deus os abençoará! Largo campo se offerece á competencia e illustração dos oradores inscriptos no programma, concebido e redigido com largueza de vistas, com superior criterio e com bom conhecimento das sociedades hodiernas. N'esse programma estão indicadas questões d'ordem puramente religiosa e questões que participam d'uma e outra ordem; bem como as que respeitam á economia social, distribuicão da riqueza, modos e meios de exercer a caridade no seu multiplicado exercicio; vulgarisação e propaganda de boas e sãs opiniões contra os erros mais avançados da ordem social, investigações sobre pontos que teem bases na historia—estes e outros pontos serão aqui tratados e todos sahirão d'ali edificados e, se possivel fosse, mais confirmados em sãs opiniões e em solidos principios que são o elemento informador d'uma boa constituicão social.

Não lhe compete fazer a demonstracão d'estes acertos; essa honrosa tarefa está incumbida a quem, melhor do que elle, o possa fazer; por isso, para não cançar mais a attenção da assembleia, vae desde já dar a palavra aos illustres oradores inscriptos para fallar n'esta sessão, pondo ponto á sua desataviada allocucão, com que lhe coube a satisfacão d'abrir o Congresso.

A seguir ao eximio prelado, tomou a palavra o erudito e talentoso professor e jornalista catholico, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Padre Manoel Marinho

Se eu de moto proprio me tivera intromettido no seio desta distinctissima assembleia, todo o rigor do vosso desdem seria pequeno castigo para a minha indesculpavel audacia. Vir aqui em occasião tão solemne, para versar um assumpto de todo o ponto difficil, em presenca dos mais abalisados cultores da sciencia e dos mais fervorosos apóstolos da fé, perante um auditorio illustre e numeroso que se impõe ao respeito dos maiores oradores,—isso, digo, seria uma falta de summa gravidade que a vossa extrema indulgencia não poderia relevar-me. E' na verdade incommensuravel a desproporção que existe entre o muito que esta situação exige de mim e o pouco, muitissimo pouco que eu posso dar. Nunca, como hoje, me senti tão abatido e aniquillado, ao comparar a deficiencia de minhas forças com a ardua missão que sou intimado a cumprir. Intimado, sim, vou dizer a verdade toda: fiquei surprehen-

dido e tambem vivamente contrariado, quando soube que alguns jornaes haviam incluído o meu humilde nome no numero dos oradores deste congresso; só então me convenci de que as minhas excusas, embora justificadas e formaes, tinham sido impotentes para me livrarem deste encargo, que é quasi um supplicio. Não me trouxe, pois, aqui a velleidade de ostentar talentos, que não possuo; e bem quizera antes escutar em silencio as opiniões alheias, do que ter d'expor as minhas sobre uma questão que na conjuntura actual se me afigura da maxima importancia. Baldados porém todos os esforços que me era licito empregar para esconder nas sombras a minha incapacidade, só me restava obedecer, e acceitar o papel que me distribuiram. Desta maneira, se é duro o sacrificio a que a illustre assemblêa se sujeita, escutando-me, não é menor o que eu venho realisar, manifestando publicamente a profunda consciencia que tenho do meu nada.

Em quatro partes se divide naturalmente o assumpto, que tenho a tratar:

- 1.º — As boas leituras.
- 2.º — As más leituras.
- 3.º — A imprensa catholica.
- 4.º — Meios de a propagar.

Por boas leituras, na accepção mais generica, intendo todas aquellas que nutrem e orientam o espirito em ordem á verdade, ao bem e ao bello. Boas e até necessarias são as leituras a que, por dever d'officio, tem d'entregar-se o jurista, o medico, o Padre, todo o homem que no meio da sociedade está ligado por deveres profissionaes; porque do fim legitimo que cada um se propõe no exercicio da sua actividade, deriva a obrigação d'empregar os meios adequados. O bem commum exige que cada um saiba do seu officio. Ha, porém, uma classe de leituras, bastante esquecidas na nossa época, que se destinam a todos os homens: são as de character moral e religioso, que ensinam a ordenar as acções conforme os dictames da razão, os preceitos do Evangelho e os dogmas da fé. São estas de todas as mais importantes, visto que se referem á boa direcção da vida, de que está pendente o destino sobrenatural do homem. A sciencia que ensina viver bem é a primeira e a mais sublime de todas as sciencias. No individuo, na familia e no estado, o padrão fiel, que marca o progresso e accusa a decadencia, está na moralidade: cada homem é um elemento de vida ou um principio de corrupção, conforme os seus costumes são bons ou maus; cada familia é um centro de força ou um foco d'immoralidade, segundo as doutrinas que a orientam favorecem ou soffreiam as paixões. O individuo é unidade ele-

mentar da familia, a familia unidade elementar do Estado, e por isso a vitalidade dos Estados assenta na morigeração das familias. A questão, pois, das boas leituras identifica-se com a questão de moralidade, que não é d'hoje, nem d'hontem, mas de todos os tempos.

A' similhaça do sol, que a um mesmo tempo alumia e aquece, orienta e vitalisa, tambem o bom livro illustra o espirito e acalenta o coração: dirige a intelligencia para a verdade, encaminha a vontade para o bem e levanta os sentimentos para o ideal attrahente da suprema belleza. Mestre dedicado, vae procurar o lavrador no seu campo, o operario na sua officina, o litterato no seu gabinete, o rico no seu palacio, e a todos ensina. Apostolo infatigavel, corre a toda a parte, onde a sua influencia benéfica se torna necessaria para dissipar trevas, profligar erros, derimir questões, guarecer chagas e suavisar amarguras. Amigo fiel, julga-nos com independencia, fala-nos com sinceridade e se alguma vez nos reprehende com aspereza é sempre para nos corrigir com efficacia.

Nas duas substancias de que é composto o ser humano ha necessidades imperiosas a que nos cumpre satisfazer. O que a luz é para os olhos, o som para os ouvidos, o alimento para o estomago, o ar para os pulmões e cada creatura para o seu respectivo fim, o mesmo é tambem a verdade para a intelligencia, o bem para a vontade e o bello para a sensibilidade.

As funcções da vida psychologica não são identicas ás da vida phisica, mas analogas e reciprocamente conexas: o corpo demanda alimento sadio, a alma exige-o tambem. A verdade é o pão da intelligencia, onde esse pão é repartido a mãos largas, e bem aproveitado, ha vida, alegria, progresso, felicidade; onde elle escasseia estendem-se as sombras da morte, accentua-se a decadencia, reina a triateza e o infortunio. Gemia o povo d'Israel sob o peso das suas iniquidades e atrahia as arguições d'Isaias, porque perdera o respeito pela verdade — *facta est veritas in oblivionem (Is. 59, 15)*, a verdade caiu em esquecimento». Um homem que não ama nem respeita a verdade é um ente desprezivel aos olhos da propria razão. O grande mal da nossa época é a falta de verdade, de que as boas leituras são órgão. Não póde subsistir por muito tempo uma sociedade baseada na impostura.

Por experiencia propria conhecemos de quanto é capaz um bom livro, quando meditado lá fóra do convívio do mundo, a horas vagas do profundo silencio. Quem haverá que ao ler uma pagina de Kempis, de Fr. Thomé de Jesus, de Santa Thereza, de Jayme

Balmes e de tantos outros oráculos da verdade se não sinta arrebatado por uma santa commoção e diga de si para si: «eis a verdade, isto é assim e não pode ser d'outro modo!» E a nossa intelligencia descança então tranquilla, como o viandante que se certificou do caminho, que ha de conduzi-lo á patria. Que prazer haverá na ordem phisica que possa comparar-se com este? O homem reconhece-se mais homem, o catholico sente-se mais fervoroso e até o descrente se reanima para a verdadeira fé, — quando não cae vencido perante a evidencia. Discorrer sobre a influencia das boas leituras é devassar os mysterios de muitas almas que nas doutrinas d'um bom livro, nas advertencias duma pagina e talvez no pensamento luminoso dum breve periodo, encontraram o segredo prodigioso de se perseverarem da corrupção. Quantas consciencias manchadas se hão illuminado ao clarão fulgente duma leitura inesperada?

A boa leitura é a um tempo preservativo de grandes males e manancial d'immensos bens; em presença d'um bom livro, muitas vocações se teem definido: um Agostinho fez-se santo, um Malebranche tornou-se philosopho, um La Fontaine sentiu as inspirações do genio e um sem numero de almas encontrou balsamo para as suas feridas, decisão para as suas duvidas, conforto para os seus desalentos e luz abundante para seguir o caminho da virtude.

E aqui é occasião de passar da these á hypothese: se sempre e em toda a parte convem promover a divulgação das boas doutrinas, muito mais entre nós, dadas as circumstancias especiaes em que a nossa educação se encontra.

Viciada nas suas bases a educação domestica, a acção das boas leituras torna-se necessaria, ainda mais para regenerar criminosos do que para preservar innocentes. O alfobre domestico não é o que devia ser, não produz o que devia produzir.

Ha na educação da familia dois defeitos principaes, cujas consequencias já são demasiado sensiveis: falta d'instrucção religiosa que abra caminho franco para todas as virtudes e falta de submissão filial, que respeite toda a auctoridade legitima. Se os paes e mães de familia cumprissem o seu dever, o aspecto da nossa sociedade seria muito differente do que é.

Os males que se nos deparam no meio da sociedade, — a sede insaciavel de gosar, o horror ao soffrimento, o espirito d'insubordinação — trazem a sua origem do seio da familia, onde precisamente deviam ter o seu melhor preservativo e antidoto.

Attentas, pois, as condições do

meio em que vivemos, a divulgação das boas leituras é uma das obras de maior alcance social, obra eminentemente religiosa e humanitaria, que tem merecido e continua a merecer a dedicação de muitos apóstolos benemeritos, entre os quaes occupam um lugar de honra o iniciador da *Propaganda Catholica* e o auctor das *Folhas Soltas*. Mas será bastante o que se tem feito? Não será necessario abalancar a novas tentativas e redobrar d'esforços á vista da temerosa alluvião de maus escriptos, que todos os dias são lançados á publicidade? Eis-me chegado ao segundo ponto—*As más leituras*.

Intendo por más leituras não só aquellas que são manifestamente contrarias á fé e á moral, mas tambem as que de qualquer modo tendem a desviar o homem da linha do dever, ou induzindo a intelligencia a erro, ou inclinando a vontade para o mal, ou embotando a sensibilidade. A obrigação d'evitar as más leituras é ainda mais rigorosa que a de propagar as boas.

Parece á primeira vista que, sendo o bem opposto ao mal, deveriam as boas leituras ter tanta influencia para a virtude, como as más para a perversão, e comtudo póde affirmar-se com bom fundamento que as más leituras são mais efficazes para o mal, do que as boas o são para o bem. E' que para praticar a virtude requere-se sempre esforço, ainda mesmo quando se vê a toda a luz o caminho do dever; ao contrario, para praticar o mal basta seguir o pendor da natureza corrompida. Por isso a virtude é rara e o vicio commum. A vida, que não se augmenta sensivelmente com uma doze consideravel de bom alimento, póde extinguir-se de repente com uma pequena quantidade de veneno.

Assim é a alma humana: com a boa leitura nutre-se, com a má deprava-se. Para demonstrar esta verdade podemos lançar mão de tres livros: o da razão, o da experiencia e o da fé.

Segundo a razão é evidente que todos os seres devem tender para o seu fim, pelos meios adequados ás suas respectivas naturezas. Se o homem, como rei da criação distende as suas vistas, ao longe e ao largo por todos os entes que o rodeiam, em todas vê gravada a lei da finalidade, e, se escuta a voz da propria consciencia reconhece que tambem elle existe para um fim e fim nobilissimo que deve limitar superabundantemente as aspirações da sua alma. Para esse rumo ha-de encaminhar-se elle não por impulso necessario, ou instincto cego, mas sim exercendo a sua liberdade, como homem, e praticando a lei divina, como catholico. As más leituras porém são diametralmente oppostas ao bom uso da liber-

dade, porque nellas recebe a alma em vez da verdade o erro, em vez de alimento, veneno mortifero, em vez da luz trevas. Ora se estamos obrigados a velar pela hygiene do corpo com quanto maior cuidado deveremos velar pela boa hygiene da alma? Quem se entrega a más leituras commette um attentado contra a vida da sua alma, como o suicida contra a vida do corpo; e bem póde ser que do primeiro contra a alma passe ao segundo contra o corpo... A alma é a vida do corpo, mas a intelligencia é o pharol da alma, e desde que esse pharol se empana já não se póde calcular até que ponto o homem será capaz de resvalar na ladeira da degradação. Um erro conduz a outro erro, um abysmo a outro abysmo—*abyssus, abyssum invocat*.

Os desvarios do pensamento naturalmente conduzem á relaxação dos costumes. As más leituras tendem por sua natureza a crear e enraizar maus habitos. Nada vale que o homem diga de si para si: «eu vou ler este livro, mas não é com intenção de me deixar guiar pelo que elle diz; quero satisfazer a minha curiosidade e ficarei depois da leitura o mesmo que era antes».

Grande illusão, que tem reduzido innumeradas victimas! Quem põe livremente uma causa ha-de resignar-se com os effeitos que ella é capaz de produzir. Que se diria d'um homem que ingerisse uma doze de veneno violento, ou se precipitasse do alto d'uma torre, dizendo que não queria offender o seu corpo? Quem quer as causas quer os effeitos, quem quer os meios quer os fins. A' face da razão, pois, as más leituras são contrarias ao fim do homem, porque se oppõem ao regular funcionamento das suas facultades.

Volvamos agora os olhos para o livro da experiencia. Entre as revoluções mais sangrentas, que a historia da humanidade regista avultam duas, que tiveram a sua causa principal nas más leituras: quero referir-me ao «Protestantismo» no seculo XVI e á «Revolução Franceza» no seculo XVIII. Quando o protestantismo appareceu, já a Igreja estava muito exercitada na luta; com a historia ecclesiastica começara tambem a historia das heresias. Apesar d'isso a nova seita expalhou-se com assombrosa rapidez. Qual a razão que póde explicar este phenomeno? E' que os innovadores encontraram-se em terreno favoravel; a Europa achava-se em circumstancias muito excepçionaes, pela intimidade de relações entre os diversos povos e sobre tudo pela invenção da imprensa, de que os corripheos da Reforma souberam aproveitar-se. Os pamphletos hereticos multiplicaram-se de repente e serviram de rastilho para

atear a guerra em quasi toda a Europa. A Allemanha, a Inglaterra, os Paizes Baixos, a Suissa, a França... depois de contaminadas pelo erro foram immundadas de sangue.

A horrorosa explosão de 1789 foi tambem preparada e provocada pelas más leituras, que continuaram o movimento iniciado pela Reforma. Fez-se a revolução nas ideias antes que se fizesse nas instituições. Envenenaram-se as consciencias primeiro e deu-se começo á orgia sanguinaria depois. A litteratura materialista e athea dos encyclopedistas havia de produzir o seu effeito.

O Emilio de Rousseau pervertera a educação da familia, o Contrato Social havia aluido as bases da Sociedade e Voltaire, Montesquieu, Diderot-D'Alembert, e muitos outros tinham-se mostrado infatigaveis em propagar a descrença. Amontoados assim os combustiveis pequena faisca devia bastar para que a terrivel conflagração se ostentasse aos olhos do mundo. Mas precisaremos nós de recorrer á experiencia alheia para nos convencermos da influencia funesta das más leituras? Não, attentemos bem na desmoralisação que lavra no nosso paiz, alarguemos as vistas por essa multidão de publicações licenciosas que a nossa sociedade devora e encontraremos fundados motivos para sérias apprehensões. Um mau livro é um mau companheiro e com más companhias não se póde ser innocente. Nunca se escarneco impunemente da verdade e do dever.

A morte tragica de dois do nossos mais distinctos litteratos é uma prova tristissima do desvairamento a que os maus escriptos arrastam. E que bellas paginas havia escripto um d'elles contra o suicidio!

O suicidio! exclamava elle, enlucta-se o coração e amesquinha-se o pensamento, ao escrever estas oito letras que se me afiguram o epitaphio d'esta sociedade, esvaida de coragem para lutar contra a miseria e a desesperação! (1) Não se podem apreciar com os rigores mathematicos do calculo as virtudes que as más leituras fazem estiolar, as iniquidades que originam, as deshonras que provocam, as victimas que ceifam. A experiencia pronuncia-se contra as más leituras.

Compulsemos agora o livro da fé.

Como guarda fiel e mestra infallivel da doutrina catholica, a Igreja sempre tem cuidado com a maior sollicitude de preservar os seus filhos do contagio das más leituras. O aviso fôra dado opportunamente pelo proprio Jesus Christo, quando recommendou a seus discipulos: «guardai-vos dos falsos prophetas, que se acercam de vós com

(1) Horas de Paz.

apparencia de ovelhas e são na realidade lobos arrebatadores: é pelos seus fructos que haveis de conhecê-los» (S. Math. 7-15-16).

Na constituição Apostolica — *Officiorum ac munerum* — de 15 de Janeiro de 1897, diz o summo pontifice Leão XIII: «Entre os muitos deveres e encargos que temos a cumprir com grande cuidado e escrupulo, como supremo hierarcha da Igreja, é Nossa capital obrigação velar assiduamente e envidar todos os esforços para que a fé e os costumes não soffram detrimento algum. Se este cuidado algum dia foi necessario, muito mais o é hoje, numa epoca em que os espiritos são victima d'uma desenfreada licença, e quasi todas as doutrinas, confiadas por Jesus Christo á guarda da sua Igreja para salvação do genero humano, são diariamente atacadas e postas em perigo. Nesta lucta empregam os inimigos da fé variados ardis e innumeradas armas, d'entre as quaes uma das mais perigosas é a intemperança d'escrever, que ora grassa e a diffusão de maus escriptos entre as massas. Nada se póde imaginar de mais funesto, nada mais proprio para corromper as almas pelo desprezo da religião e pela exposição de multiplices e enganosos attractivos do peccado. Temendo tão grande mal e cumprindo o seu dever de guarda e protectora da fé e dos costumes, a Igreja acertadamente comprehendeu que era necessario combater esse flagello; fez sempre quanto lhe era possivel para desviar os homens da leitura dos maus livros que são um terrivel veneno».

E vae percorrendo depois os pontos culminantes da historia ecclesiastica, notando a este respeito as providencias dos Bispos, os decretos dos concilios e sobretudo o zelo dos Pontifices.

Accresce ainda que incorrem em excommunhão de modo especial reservada ao Summo Pontifice: «todos aquelles que scientemente lèrem sem licença da Sé Apostolica os livros dos hereses ou dos apostatas que defendam heresia; e tambem os livros de qualquer auctor nominalmente prohibidos pelas Letras Apostolicas; e as pessoas que retiverem, imprimirem ou de qualquer modo defenderem esses livros.» As licenças que a Santa Sé por justos motivos concede exceptuam geralmente as obras obceanas, supersticiosas, de astrologia judiciaria, e as que *expresso* atacam a fé. D'onde se manifesta circumspecção com que a Igreja procede em tão melindroso assumpto. Sendo, pois, as más leituras um veneno e um flagello que é necessario combater, vem a proposito perguntar, onde estão os soldados e as armas que hão d'entrar no combate? Onde

está o antidoto contra esse veneno? Onde está a imprensa catholica?

Eis o 3.º ponto.

Ter de falar da imprensa catholica em Portugal, nas circumstancias actuaes é um encargo doloroso, mas é tambem uma necessidade indeclinavel.

O estrangeiro que visitasse o nosso paiz no intuito d'estudar as nossas instituições e fazer ideia exacta das nossas crenças podia prescindir d'investigações laboriosas; bastava-lhe entrar nas redacções dos diarios catholicos e observar com espirito attento o que alli se passa, entrar depois nas redacções dos periodicos sectarios, observar tambem e comparar em seguida os resultados finaes das suas pesquisas. Com que impressão sairia elle d'este abençoado torrão, que outr'ora alimentou uma raça d'heroes? Qual a sentença definitiva com que elle fulminaria a nossa decadencia moral? Oh! elle diria indubitavelmente: «em Portugal não se comprehende o que é ser catholico nem portuguez.» É falando assim, eu creio que elle dizia uma grande verdade: em Portugal não se comprehende o que é ser catholico nem portuguez.

Estamos a braços com a questão social, que abrange duas: a questão politica entre a monarchia e a republica, a questão religiosa entre a impiedade e o catholicismo. A força dos republicanos assenta nos desmandos dos monarchicos, como a força dos impies na fraqueza dos catholicos. D'este modo o maior perigo da monarchia está nos monarchicos, o maior perigo do catholicismo está nos catholicos.

O jornalista catholico é um soldado, que se alistou no batalhão sagrado da milicia christã para se manter sempre firme deante das arremetidas dos inimigos. Mas quaes são os inimigos do jornalista catholico? Neste ponto se encerra a maior difficuldade; elle espera os inimigos só pela frente e vê-os surgir muitas vezes do seu lado, d'entre os que se prezam de catholicos mais ajunizados. E' ferido pelos golpes d'aquelles mesmos que deviam escuda-lo com o seu apoio. O inimigo do diario catholico não é sómente o impio que milita em campo contrario, é tambem o catholico de nome que lhe recusa o seu auxilio. Deve ser duro, muito duro para um jornalista catholico vêr-se ferido pelos seus, receber como premio da sua dedicação as censuras e hostilidades dos seus irmãos na fé! E comtudo qual é ahi o diario catholico que não tenha justos motivos para se queixar a este respeito? Quantas vezes vae elle bater á porta dos catholicos, onde entram muitos periodicos suspeitos, e é repellido com ares grosseiros por quem tinha obrigação restricta de lhe dar entrada e agasalho?

Ainda mais: para se justificarem aos olhos do publico, muitos d'esses catholicos arvoram-se em algozes da imprensa catholica, apontando-lhe defeitos e attribuindo intenções menos rectas aos que tractam de propaga-la.

E' verdade que a imprensa catholica em Portugal não corresponde ás necessidades actuaes? E', sim, sou o primeiro a affirmar-l'o; mas o que se deve inquirir é se ella, nas circumstancias em que vive e com os recursos de que dispõe, póde fazer mais do que faz. E, collocada a questão nestes termos, os catholicos não teem motivo justificado para se queixarem; a imprensa catholica faz quanto póde e ha nella até muitas dedicações generosas, que não escapam á vista de quem a conhece de perto. O que se requer, o que é de necessidade urgente é que todos nos compenetrems bem do concurso que devemos prestar-lhe.

A isso nos convida a coherencia de principios, o proprio interesse, a caridade para com o proximo, o reconhecimento para com Deus e a dedicação pela patria. O catholico que não tem a Igreja por mãe, não póde ter a Deus por pae: dizer-se um homem catholico e ficar-se de braços cruzados perante os insultos de que o catholicismo está sendo alvo todos os dias, é uma incoherencia vergonhosa que não se coaduna com os brios propios dum soldado da Cruz. De quem ha d'esperar a imprensa catholica auxilio pecuniario e apoio moral senão dos catholicos? O jornal catholico, em opposição aos sectarios, ha de ser órgão de boa doutrina, escudo de defesa, arma de combate e espelho de bom exemplo. Para corresponder porem a estes diversos fins, na medida que as circumstancias reclamam, necessita de alargar a sua circulação e chegar assim com a verdade a toda a parte, onde os inimigos chegam com a mentira.

Recusar-se á imprensa catholica o apoio que se lhe podia prestar é contribuir indirectamente para a propagação do erro e para a corrupção de costumes; é ser um catholico incoherente, que não harmonisa as suas acções com a sua fé.

O proprio interesse individual deve servir de poderoso estímulo na diffusão da boa imprensa. As obras grandes são as obras sociaes: multiplica-se o bem na medida em que se augmenta o numero dos beneficiados. Ainda que considerarmos o jornal catholico apenas como órgão de boa doutrina, os fructos que produz são immensos: é elle que annuncia, critica e recommenda os bons livros, que nos previne contra os maus escriptos, que nos transmite incorruptas as doutrinas da Igreja, as encyclicas do supremo Pastor, as pastoraes dos

prelados... Quantos fructos só sob este ponto de vista? E quem o alimenta reivindica para si uma parte de todos esses innumeraveis fructos que elle produz em cada um dos leitores. Quanto maior for o numero d'estes tanto maior será tambem a copia de fructos, que cada um grangeará para si. O jornal catholico trabalha por conta de quem o sustenta: se leva o desengano a uma alma, se verbera um vicio, se refreia uma paixão, se faz germinar uma virtude, todos esses productos riquissimos da sua actividade redundam em beneficio de quem coopera para a conservação d'elle. O catholico que tem a justa ambição d'enthesourar merecimentos encontra na propagação da boa imprensa um bello meio de lucrar grandes juros com pequenos capitaes.

A caridade para com o proximo é outro motivo que póde ser invocado a favor da imprensa catholica. O seculo das luzes não tem mostrado, não podia mostrar um coração de bronze deante das lagrimas e dos gemidos dos infelizes: tem aberto azilos, creches, orphanatos, dispensarios, hospitaes, e até para os animaes estabeleceu já associações protectoras, — é um seculo philantropico e zoophilo. E bom é que se preste soccorro ás miserias corporaes, por espirito de caridade; mas é necessario tambem não esquecer que a alma vale incomparavelmente mais do que o corpo, e cada coisa deve occupar na ordem da caridade o logar que lhe compete. Quem só attende ás necessidades corporaes do seu proximo, sem se importar das necessidades espirituas, não pratica a verdadeira caridade, a caridade propria dum catholico. Maior cuidado merecem á caridade christã os perigos da alma que os do corpo: «não temais, disse Jesus Christo, os que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma; temeí antes aquelle quepode precipitar o corpo e a alma no fogo eterno». E quaes são esses que não só podem, mas querem e procuram, dia e noite, arrebatam almas? São os apostolos das más doutrinas, os calumniadores dos institutos catholicos, os difamadores do clero, os inimigos da Igreja que a imprensa catholica deve desmascarar e combater...

O reconhecimento para com Deus deve tambem tocar o nosso coração em beneficio do jornal catholico. E' evidente que o homem nada tem de bom senão o que recebe de Deus, e quanto maior é o numero dos beneficios recebidos tanto maior deve ser o reconhecimento de quem os recebe. O catholico que teve a felicidade de ser chamado ao caminho da verdade e ao reino da luz, deve por motivo de gratidão para com o Pae das luzes, reconhecer-se

obrigado na sua consciencia a trabalhar em beneficio dos seus irmãos extraviados. Que meio mais proprio para agradecer o dom da fé do que despertar-la onde ella está adormecida, fortalecer-la, onde está decadente ou implantar-la onde não existe? Aquelle que foi preservado dos erros e dos vicios deve mais beneficios a Deus do que um grande facinora a quem o mesmo Deus tenha perdoado os maiores crimes: o dom da innocencia é maior que o da penitencia.

Em fim, a dedicação pela patria, numa época em que ella vê voltados contra si muitos dos seus filhos, é um dever sagrado que deve imperar na nossa conducta e animar a nossa coragem. Neste país, em que dormem as cinzas de nossos antepassados, existem numerosos e altivos monumentos, que attestam a fé doutras eras.

Nós somos descendentes embora remotos dos heroes, que voltaram as costas ao seu berço para irem atravez dos mares conquistar e evangelizar novos mundos. Homens de fé viva e coragem inquebrantavel não se limitaram a conservar a herança paterna; abalçaram-se a emprezas epicas, porque o berço em que haviam nascido lhes parecera demasiado estreito para theatro do seu apostolado. Mudaram porem os tempos, a descrença veio assentar os seus arraiaes neste canto do occidente e ameaça hoje extinguir os restos de fé que ainda existem. E' pois urgente que os verdadeiros patriotas, os que se honram de portuguezes e de catholicos entrem desassombadamente na luca e á propaganda do erro opponham a da verdade.

Mas quaes os meios praticos para propagar a imprensa catholica?

Muitas são as considerações a que esta pergunta abre caminho. Entre os meios a empregar, ha uns d'influencia remota e outros d'influencia proxima. Pelo que diz respeito áquelles, poderia mencionar-se em primeiro logar a reforma da disciplina ecclesiastica. O sustentaculo da imprensa catholica, o seu elemento preponderante e o seu principal apostolo deve ser o clero, por isso que a missão da imprensa catholica e o ministerio sacerdotal se auxiliam mutuamente e convergem para o mesmo fim. Ha, porem, uma ordem de clero que, por força das circunstancias em que vive, se torna indifferente e até adverso á propagação da imprensa catholica; é o clero politico, que se occupa mais dos interesses do seu partido, do que dos deveres do seu ministerio. Onde ha paixão politica, não póde haver zelo pela religião, e, como o jornal catholico não se presta a alimentar paixões partidarias ou interesses baixos, o clero politico prefere na-

turalmente os jornaes da sua feição aos catholicos. Reforme se a disciplina ecclesiastica, fechem-se a sete chaves as portas falsas por onde os simoniacos invadem os beneficios ecclesiasticos e ter-se-ha dado um vigoroso impulso á imprensa catholica.

Outro obstaculo que se oppõe á circulação do jornal catholico é a ignorancia. Ha catholicos de bons sentimentos e puras crenças, que não auxiliam a imprensa catholica porque não lhe conhecem as vantagens, nem se crêem obrigados a contribuir para ella. Nesta parte muito poderão fazer os Parochos e os oradores sagrados. Ha uma imprensa que é obra de paixão, outra que é instrumento da ganancia; a catholica deve ser uma obra de zelo.

O terceiro obstaculo a vencer é a concorrência dos maus jornaes, que tomam a dianteira e muitas vezes a preferencia aos bons, pela curiosidade que despertam, exhibindo escandalos em linguagem desabrida e descendo a pormenores de bisbilhotice indecoroso. Sobre este ponto, diz a constituição anteriormente citada: «Os jornaes, folhas e revistas que de proposito ferem a religião ou os bons costumes, sejam proscriptos, não só em virtude do direito natural, mas tambem do direito ecclesiastica. Os ordinarios tenham cuidado, quando necessario seja, d'advertir opportunamente os fieis do perigo e funestas consequencias de taes leituras.»

Como meio d'influencia proxima, importa organizar com franco e leal apoio do clero uma vasta liga, que se proponha combater a immoralidade pela diffusão das boas doutrinas, defender as instituições catholicas por todos os meios legais, advogar os direitos da religião e do clero e dar á imprensa catholica a independencia de que necessita para cumprir a sua missão.

Ha difficuldades a vencer, bem o sei, mas o caminho está-nos traçado: assim como os inimigos se associam e quotizam para propagar o erro e a depravação, congreguemo-nos tambem nós para divulgar a verdade e o bem.

Em seguida foi dada a palavra ao sr.

Dr. Domingos Pinto Coelho

que disse que tinha accetado o honroso convite de vir falar no Congresso para dar prova de obediencia.

Nos tempos que vão correndo a função de catholico não é uma sinecura. Longe d'isso, nunca como hoje, talvez, foi necessario que cada catholico traga para o bem commum o seu contingente por modesto que seja.

Cumprindo-lhe falar das peregrinações aos Sanctuarios de Nossa Senhora, conforme lhe foi indicado superiormente, espera que a Virgem, em cuja honra vae falar, o auxilie. Levam-no a esperar esse auxilio a coincidência de circumstancias diversas. Vae falar da Virgem, na cidade da Virgem, no dia da sua Immaculada Conceição.

Tratar da devoção a Nossa Senhora em Portugal é fazer reviver um pedaço da historia patria, porquanto a fundação da nacionalidade portugueza está indissolvelmente ligada a essa devoção; e pelo decorrer da historia, sempre que uma crise nos assaltou ou sempre que a concepção ou execução d'um empreendimento grandioso tornou febril o generoso sangue portuguez, sempre recorremos ao auxilio da nossa Padroeira que não só nunca nol-o negou, mas bastas vezes nos concedeu o seu recurso sobrenatural pela realisação de incontestaveis milagres.

Refere-se aos votos do fundador da monarchia á Virgem antes dos lances decisivos da sua campanha e á realisação d'esses votos em templos dedicados á mesma. A' tomada de Santarem corresponderam o pequeno e grande mosteiro d'Alcobaça; á tomada de Lisboa, os templos de S. Vicente dedicado a este Martyr e á Virgem e o dos Martyres dedicado a Nossa Senhora sob esta invocação, corresponde-lhe ainda outro oratorio em Sacavem sob esta mesma ultima invocação commemorando a assignalada victoria dos portuguezes sobre uma importante força de cavallaria mourisca que vinha em auxilio da guarnição assediada.

Cita um documento datado de 28 d'abril de 1142 em que o nosso primeiro rei colloca o seu reino sob a tutela da Virgem Maria. De tudo conclue que é indissolvel a ligação entre o culto de Nossa Senhora e a fundação da nacionalidade portugueza.

Entrando no assumpto especial da sua these, diz que na impossibilidade de percorrer todos os Sanctuarios, vai fallar de um no estrangeiro e dois nacionaes, um ao sul, outro ao norte.

Desenvolve as razões por que entre todos escolheu Lourdes no estrangeiro, Nossa Senhora de Nazareth ao sul do reino, e Sameiro ao norte.

Propõe uma peregrinação portugueza a Lourdes no 1.º anno do seculo XX, para coarar a obra iniciada com a peregrinação a Roma no ultimo do seculo XIX; e propõe que em cada anno se façam duas grandes

peregrinações nacionaes aos dois Sanctuarios indicados.

Refere-se a proposito aos esforços dos impios para crearem o que elles chamam *Cyrios Civis*. Classifica esta denominação de agglomeração de ideias contradictorias. Os deschristianisadores do povo matam-lhe no coração a crença em Deus e na Virgem e querem que permaneça a força inicial das romarias. E' um absurdo.

Elles destroem a poesia das crenças religiosas, e que outra poesia lhe substituem? A de que somos apenas materia destinada á podridão do sepulchro? A da origem humana do homem? A de que o santo e o criminoso se confundem na egualação do nada? A de que os prazeres sensuaes são o fim da vida? Não; os impios não podem ter cyrios.

Conclue opinando que o abençoado instincto popular que origina as romarias deve ser convenientemente depurado pelas classes dirigentes em ordem a produzir os melhores frutos de sanctificação dos romeiros, e da gloria de Deus e da Igreja.

Padre Roberto Maellel

Principiou por implorar a benevolencia da assembleia para a sua ousadia em tomar parte, como orador, naquella Congresso, elle rodeado de tantos trabalhos, com tempo apenas para escrever alguns topicos... Ao ler a relação das theses postas á disposição dos oradores, encontrou uma que deveras o captivou e que iria desenvolver—a do repouso dominical.

Depois de lembrar, em poucas palavras, a desorganisação social, mostrou a necessidade d'uma verdadeira e solida reforma; alludiu ao discurso do conde de Mun, pronunciado em Saint-Etienne e que mereceu um elogio particular de Leão XIII. N'esse discurso, um dos meios apontados para a reforma era—o repouso dominical.

Disse que este repouso não tem a sua origem nas instituições humanas, era um preceito divino, uma lei positiva, superior, pelo seu principio, pela sua universalidade e seu rigor, a todas as leis ephemerias, que são obra do homem; é dos primeiros dias da humanidade, tem por auctor—Deus.

Recorda, a proposito, os sacrificios, que os primeiros filhos de Adão offereciam á Divindade, a observancia do Dia do Senhor pelos Patriarchas (Gen. IV—VIII); refere o testemunho de Smith acerca da observancia d'este preceito pelos povos antigos; recorda a subida de Moysés ao Sinai a receber a lei das mãos do Creador; relembra o que se lê na historia do povo israelita, sob o regimen theocratico—que o profanador do *Dies Domini* era considera-

do como traidor á patria, como sacrilego e reu de morte. E afinal refere-se á obra de Jesus Christo—á Igreja que impôz aos christãos o cumprimento d'este dever.

Mostrou quanto esta lei era conforme á natureza do homem e quanto se harmonisava com todas as suas aspirações, e disse que a lei do domingo é uma lei de todos os tempos e de todos os logares, de todos os climas e de todos os homens; é das que Cicero chamava *leis das leis*...

Mostrou, além d'isso, a justiça d'esta lei, pelas relações do homem com o seu Creador. Violal-a era commetter um acto implicito de atheismo, rompendo a alliança entre Deus e os homens; viam-se pois justificadas as palavras do piedoso Nehemias, encontrando na violação do Dia do Senhor a causa dos males que se accumulavam sobre a patria; violação que é a espadada de dois gumes, que ao mesmo tempo offende a Deus, e prejudica o homem.

E' por isso que d'este assumpto tão grave, de tão grande responsabilidade, se não occupado grandes illustrações, capacidades a toda a prova, como Leão XIII, J. Simon, Leon Say, conde de Paris, Guibert, Richard, Perraud, Robert, Mgr. Hulst, Pie e Lavigerie, Picot, Gibon, Chesnelong, Lapparent, conde de Mun, Cheisson, Le Play, Vilmarin, Rautlin de la Roy, H. Poupon, Garnier, etc., etc.

Foi, por isso, que o descanso dominical se tornou objecto de longas e animadas discussões no grande Congresso Internacional, reunido em Paris, por occasião da Exposição Universal de 1889, não sendo menor a attenção que lhe consagrou a celebre conferencia de Berlim, em 1890, assembleias compostas d'homens d'opinões tão differentes, mas que viram a necessidade de desenvolver, como desenvolveram, a these da côrte de Roma sobre a utilidade, não d'um repouso semanal qualquer, mas do repouso do domingo.

Em seguida, passou a citar a legislação das nações europeas acerca do domingo, notando a todos que só tres eram as nações da Europa que legislavam sobre materia de tão grande importancia—Hespanha, Italia e Portugal, fazendo então um paralelo historico do que foram e do que são hoje essas nações.

Considerou depois o descanso do domingo pelo lado da hygiene, citando, a proposito, as palavras de Hœgler no Congresso Internacional de Paris, insurgindo-se contra a exploração das forças e da saude do operario.

Disse que os intervallos de repouso do trabalho semanal, o somno, a dimi-

nuição das horas de trabalho, o alimento mais substancial, as bebidas alcoolicas, etc., não era o bastante para se satisfazer ás exigencias da hygiene —era necessario o repouso dominical, aliás, de semana para semana, dá-se a perda consideravel de sangue, um extraordinario cansaço do systema nervoso, um palpavel enfraquecimento de forças, segundo os testemunhos de sabios professores das Universidades suizas.

Mostrou tambem a necessidade d'esse repouso para o trabalho intellectual, citando as palavras de Gladstone «que devia a conservação das suas faculdades ao repouso dominical.» Lembrou o protesto de 641 medicos de Londres, dirigido ao parlamento inglez, contra um projecto de lei que lá appareceu tentando abolir a observancia do domingo, reclamando essas auctoridades medicas o descanso dominical «para manter a saude do corpo e o vigor do espirito de qualquer homem, qualquer que seja a sua posição social.»

Mostrou a necessidade d'esse repouso sob o ponto de vista social, o que deve ser a vida da familia, e que da felicidade d'esta é que póde vir a prosperidade, o progresso e civilização da sociedade...

Terminou, pedindo a maxima attenção dos promotores do congresso para assumpto de tanta importancia, fazendo por que um dos resultados praticos d'esta reunião seja a adopção do exemplo das outras nações da Europa que não descuraram o que a vontade divina e a justiça dos homens em altos brados reclamam.

O snr. Bispo do Porto declarou encerrada a sessão.

Levantaram-se no fim vivas ao Congresso, ás damas do Porto, aos catholicos do Porto, etc.

Resoluções tomadas no Congresso

I—O congresso catholico, conhecendo e admirando a influencia benefica do pontificado romano, proclama a absoluta necessidade do mundo inteiro se curvar reverente perante a veneranda pessoa que actualmente desempenha este altissimo cargo.

II—O congresso, conscio da necessidade das boas leituras e da imprensa catholica:

Attendendo a que é preciso contrariar a propaganda protestante athea e immoral; attendendo á necessidade do repouso dominical sob o ponto de vista moral, hygienico e social: resolve crear uma commissão encarregada: 1.º, da publicação de edições populares da Biblia, convenientemente annotadas; 2.º da vul-

garização de opusculos e folhas soltas, oude sejam expostos e demonstrados, de modo adequado, os principaes dogmas catholicos, visados e combatidos pelos propagandistas da heresia; 3.º, entre esses opusculos alguns relativos á necessidade do descanso dominical.

III—Entre esses opusculos alguns relativos á necessidade do descanso dominical.

O congresso catholico no Porto põe as suas mais vivas esperanças na efficaz acção dos revs. parochos no desempenho dos strictissimos deveres do magisterio e confia que aproveitarão todos os ensejos que se lhes offercerem para instruir na doutrina catholica as suas ovelhas e as prevenir contra os erros da heresia protestante.

Foi nomeada uma commissão para tratar d'este assumpto, presidida pelo snr. conde de Samodães.

IV—O congresso catholico, convenientemente elucidado e illustrado, reconhece e professa que os dados positivos da sciencia não contrariam a fé e as crenças christãs.

V—O congresso catholico, reconhecendo as vantagens das peregrinações aos principaes santuarios, resolve: 1.º, inaugurar o seculo XX com uma solemne peregrinação portugueza a Lourdes, o santuario por excellencia de Nossa Senhora; 2.º, inaugurar o mesmo seculo com outra peregrinação nacional a um santuario portuguez que depois será determinado.

Para tratar d'este assumpto foi nomeada uma commissão presidida pelo exc.^{mo} snr. D. Antonio Barroso.

VI—Sendo o congresso catholico promovido especialmente, como homenagem a Cristo Redemptor; attendendo a que Jesus é offendido especialmente na Sagrada Eucharistia; attendendo mais a que é necessario fomentar a piedade como meio indispensavel para desenvolver a acção religiosa: nomeia uma commissão encarregada de organizar no Porto em igreja apropriada, para a adoração nocturna ao Santissimo Sacramento, uma vez por mez, e de promover e desenvolver a devoção de acompanhar o Sagrado Viatico.

Esta commissão será presidida pelo snr. Visconde da Pesqueira.

VII—O congresso catholico, reconhecendo o importancia da chamada questão social e os resultados que os Circulos Catholicos já téem produzido louva-os e promete-lhes toda a protecção.

VIII—Attendendo ás vantagens que as Conferencias de S. Vicente de Paulo trazem aos pobres, ao clero e em geral ao meio social; reconhecendo que o clero, principalmente o parochial, póde ser um poderosissimo iniciador da diffusão das Conferencias: o congresso

faz votos pela creação das ditas Conferencias nos Seminarios Diocesanos.

IX—O congresso catholico, reconhecendo a necessidade do ensino religioso, aspira a que, além do ensino catechetico parochial, se desenvolva entre as pessoas de ambos os sexos o amor de propagar esse ensino.

X—O congresso reconhecendo a immoralidade do duello e os funestos resultados que produz na familia e na sociedade, insta por que sejam cumpridas as leis do paiz e pede que todos com a sua influencia obstem a semelhante loucura.

XI—O congresso catholico reconhece a conveniencia e a justiça dos presbyteros habilitados com o curso geral dos Seminarios Diocesanos poderem ser admittidos aos cursos para o magisterio secundario dos Lyceus.

XII—O congresso catholico, condemnando o divorcio como immoral e contrario á lei natural e divina e aos dogmas catholicos, protesta contra qualquer pretensão do seu estabelecimento.

XIII—O congresso, lamentando os desacatos que se téem praticado nas igrejas, na occasião das eleições com caracter politico, e reconhecendo que estas casas, consagradas e destinadas exclusivamente aos ritos do culto, devem conservar-se ao abrigo das contendas partidarias de que, não raras vezes, resultam desordens e até soffrimentos, manifesta a sua aspiração para que os locais, destinados para reuniões politicas, sejam fóra dos templos e resolve que se peça aos poderes publicos que, na medida do possivel, e successiva e perseverantemente, no decorrer do tempo, se afastem semelhantes assembleias dos recintos onde se celebram os actos do culto da religião.

XIV—Resolveu-se tambem que fosse enviada ao governo uma representação pedindo que nos serviços do Estado e das grandes Companhias se não trabalhe ao domingo, senão no absolutamente indispensavel.

SECÇÃO DOCTRINAL

As eleições nos templos

Tem sido muito impugnado pela imprensa catholica o facto de se fazerem as eleições dentro dos templos, e nós tambem, n'este lugar, por vezes nos temos referido a esse facto, que é importante. Quando o legislador determinou que as eleições fossem feitas nos templos, imaginou exactamente o contrario do que depois se realisou na pratica, e era que, sendo os templos as

casas de Deus, onde está o sacrario da Eucharistia, e onde se expõe vivo e verdadeiro Nosso Senhor Jesus Christo, havia de haver ahi o necessario respeito, para impedir que as paixões partidarias se apresentassem taes quaes ellas são, isto é atrevidas, impudentes e cheias de odio e de rancor.

Durante algum tempo assim succedeu. Mas hoje que a irreligião campea infrene por toda a parte; hoje que o espirito sectario avassalou tudo, movido pelas infernaes seitas maçonicas que juraram odio de morte á sacrosanta religião do crucificado; hoje nada incute medo ou receio ás phalanges politicas que se degladiam, cheias d'odio e de rancores, dispostas a levarem por diante as suas ideas, atravez de tudo e contra tudo, comtanto que consigam os fins que teem em vista, e que são o triumpho da sua causa.

Por isso nem os templos são respeitados, porque grande numero de eleitores, (os que promovem os tumultos), não vão ao templo de Deus, senão por essa unica occasião.

E haverá quem duvide de que sejam verdadeiras estas asserções? Não sabem o que succedeu, entre outros, no templo dos Extinctos Carmelitas, no centro d'esta cidade, onde a força armada entrou de tropel, armada e equipada, com capacetes na cabeça? Não sabem que ahi foram feridos cidadãos inermes que estavam reunidos para cumprirem um dever civico que a lei lhes impõe, e que nem a sanctidade do lugar impediu que fossem desacatados e espoliados dos seus direitos?

Não sabem o que succedeu, entre outras, na eleição de Cintra, onde se commetteram identicas irregularidades, chegando n'um dos templos d'esse concelho, onde se estava procedendo ao acto eleitoral, a entrar uma força de cavallaria, a cavallo, com as espadas desembainhadas, atropellando e ferindo os fieis, dentro do templo de Deus Sacramentado? Não sabem que chegou a tal ponto e desrespeito e a falta de religião, que, fugindo um eleitor espavorido, para evitar as pranchadas da cavallaria, e as cacetadas dos sectarios, se introduziu por um retabulo, subiu acima do andor do Senhor dos Passos, e foi esconder-se sob a sua propria tunica?

Ora isto admite-se? Isto póde tolerar-se n'um paiz catholico, em que a constituição determina que a religião catholica é a religião do estado? Por certo que não.

Sabemos que ha pessoas altamente collocadas que tomam a questão a peito, e que estão dispostos a leva-la ao parlamento, para que deixem por uma vez de serem effectuadas nos templos as eleições. O bondoso Bispo d'esta

diocese, que foi oficialmente informado do facto succedido no templo do Carmo, e entre outros prelados portuguezes, o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, que já tem tractado d'esta questão, saberão emprehender uma campanha que deve ser radical e decisiva.

Façam-se muito embora as eleições, mas façam-se fóra dos templos. Em cada parochia ha uma escola parochial, que tambem deve ser respeitavel, porque embora não seja egreja, nem a morada do Divino Redemptor, é tambem uma especie de templo, porque é ahi que se educa e instrue a mocidade. Pois bem: effectuem-se ahi as eleições. E se as paixões impetuosas da politica não se poderem conter nos limites da prudencia e do decoro, já podem ahi expandir-se mais livremente, porque não é o templo do Deus vivo, onde a falta de respeito constitue uma impiedade e um abuso inqualificavel.

Faz um grande serviço á religião e á moralidade quem combater esse attentado aos bons costumes e ao respeito devido ao templo de Jesus Christo.

Sae um pouco tarde o nosso protesto, porque assim o exigiu a periodicidade do *Progresso Catholico*. Mas ainda vae a tempo, porque ainda não foi aberto o parlamento.

Na camara dos dignos pares teem assento todos os prelados do continente portuguez. Além d'elles ha muitos dignos pares do reino que são conhecidos pelas suas ideias religiosas. E' necessario, pois, que cumpram esse dever, que é hoje mais que necessario, porque é imprescindivel. E na camara dos snrs. deputados não faltam membros conspicuos que tomem a peito essa importante questão. Se todos do coração se dedicarem a este palpitante assumpto, teremos vencida a questão, porque nos palpita que é impossivel que haja ministro que não concorda com essas ideias, que são hoje thema principal de todas as conversações, e o desejo de quasi todos os portuguezes.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

O patientissimo Job, sacrificando-se a Deus, satisfez agradavelmente por si, e mereceu a eterna felicidade. Este piedosissimo Santo, reunindo os seus padecimentos aos de Christo venturo, mereceu offerecer o seu corpo a Deus como uma victima previamente destinada para satisfazer á justiça divina, lenificando a dôr.

Corpo de maior alma que deitou a Idomeas—o gentilismo,—foi Job modelo de virtudes imminentes pelas ideias de perfeitissima e divina justiça e bondade. Quão semelhante me parece o padecimento de Jesus Christo quando eu cotejo em minha simples vida o soffrimento d'aquelle santo homem!

Nosso Senhor Jesus Christo soffreu interiormente, só, mais que os diferentes santos e martyres, que mais soffreram. Do Seu divino exterior disse o real e santo propheta David, antes mil annos:

Tradearam e traspassaram-me as mãos e os meus pés; cravaram-me a uma infamissima cruz, e com durissimos prégos; atravessaram-me o peito e coração com uma lança e desconjunctaram-me todos meus ossos. Parece que tudo isto é o mais terrivel; contudo: foi o momento d'agonia mais solemne do Salvador e em que, abandonado, trahido, renegado por Seus apóstolos, entregde a Si mesmo e a Suas dores, exclamou: Deus meu, Deus meu, porque Me desamparaste?! Pois tal deve ser o nosso meio d'adquirir alguma semelhança com Jesus crucificado. Até quando a terrivel agonia se prolongará? Quando chegará nossa hora suprema? Não haja perturbação na parte superior de nossas almas. Jesus nos vç, nos abençoa, nos ouve as nossas orações, por mais imperfeitas que sejam ellas: que mais havemos de querer? A prudencia da carne, que não deixa conseguir a vida eterna? ou a reputada sabedoria d'este mundo enganador, a qual Deus reprova e condemna, por ser falsa e digna de reprovação?

As verdades catholicas são d'absoluta necessidade para nossas almas: anathema, pois, á sabedoria falsa d'este mundo, e á prudencia da morte, inimiga irreconciliavel da lei da salvação. E' a sabedoria christã de Christo, a sciencia dos santos, a guarda e directora das virtudes, vida e paz das nossas almas. A ordem e harmonia das cousas está sempre na verdadeira religião. Querer cohonestar o que não presta ou é ruim, o adulterio, por exemplo, é uma das cousas mais improprias que nós podemos conceber.

Estamos no tempo dos finorios! Destipos sómente a destruir a boa ordem social: não ha outra cousa que possamos esperar.

Horrorisa o ver entrar com o maior descaramento em os templos dedicados ao culto velho, estabnados, esbandalhados, a ensinar a profanar os templos. Causa horror ver aquelle que occupa o primeiro logar da eleição com o recosto da cadeira e as costas dirigidas, voltadas para Jesus Christo no

sacrario. Assim se vae destruindo a ordem baseada em principios saos; o socialismo nega todos estes principios: não dormis, estaes mortos, ou morre-reis no vosso peccado. Temamos a ira do Senhor; porque ninguem quer o des-prezo, as faltas de respeito, ser mal-tratado em sua casa. Os interesses unem-se... Ah! aproveitemos as facul-dades, ao menos, de reformar as nossas inclinações más, e não tarde-mos em o fazer, porque o tempe forti-fica os habitos, e mais tarde ser-nos-á impossivel remediar o que fôr irrevoga-vel. Se houvera muitissimas boas primeiras communhões e matrimonios ainda melhores, haveria esses deputa-dos que tanto se desejam; assim, nem... a tal união de clero, tão decantada.

O matrimonio é uma sociedade har-monica e natural, de vontades insti-tuidas para seus razoaveis fins, religio-sos e civis: não republicanorio e socia-lista, causa amor em inculcar, mas har-moniosamente christã e civil. E' o po-der religioso e sociavel harmoniosa-mente constituido que nos ha de salvar.

Ouçamos sempre Leão XIII, o Pon-tifice incomparavel: «Agora que os es-piritos estão vertiginosos e inflamma-dos por uma liberdade infrene; agora que sacodem com a mais funesta au-dacia o jugo de toda a auctoridade, ainda a mais legitima, a salvação pu-blica exige agora que dois poderes asso-ciem e convirjam todas as suas forças para impedir desgraças que ameaçam não somente a Igreja mas a propria sociedade civil.» Incomparavel Leão! Forte, como é o leão mais forte, que não se intimida!

(Continua).

A. S. FERREIRA.

Catecismo da doutrina christã

(Noticia bibliographica)

Annunciou-se ultimamente em alguns jornaes do Porto um livro com o se-guinte titulo—*Catecismo da doutrina christã explicado, ou explicações do catecismo de Astete*.—1 vol., 600 reis.—E nada mais se declarava no total an-nuncio.

Não me era desconhecida esta obra, cuja primeira edição sahio no Porto em 1848, dedicada ao Bispo que então era da diocese, D. Jeronymo José da Costa Rebello. O Prelado, por uma pastoral de 10 de abril d'aquelle anno, exhortou a todos os parochos, directo-res de collegios, professores e mestres das escolas publicas e particulares, a todos os paes e chefes de familia, a usarem do mencionado cathecismo no exercicio das suas catecheses e instruc-ções doutrinaes.

Convida-os a isto com a mais efficaz e affectuosa vehemencia, para pre-munir os seus parochianos, alumnos, dis-cipulos e filhos, com este poderoso an-tidoto, contra as perniciosas e envene-nadas doutrinas espalhadas por livros, que tanto circulam, productos da im-piedade, das mais desenfreadas paixões e espantosa corrupção dos costumes.

O mesmo Prelado, seguindo o exem-plo d'outros muitos venerandos e sa-bios Bispos de Hespanha, concedeu quarenta dias de indulgencia a todos os seus diocesanos que lerem na pre-sença de algumas pessoas uma pergun-ta e resposta, e competente explicação do dito catecismo, assim como a todos os que as ouvirem ler com a devida attenção e desejo louvavel de se ins-tituirem.

Tudo isto consta da Pastoral do Bispo D. Jeronymo, que muito elogia o dito catecismo, chamando-lhe livro precioso.

Mas, antes de tudo, direi o nome in-teiro do livro de que me occupo, bem como do seu auctor que é hespanhol, e traductor que pertence á mesma na-ção.

Eis aqui, pois, como se intitula:

O Catecismo da doutrina christã explicado, ou explicações do catecismo de Astete, os quaes convem igualmente ao de Ripalda.

Foi composto este livro em hespa-nhol por D. Santiago José Garcia Ma-zo, magistral na Sé cathedral de Val-ladolid, e traduzido em portuguez por D. José de Urcullu, natural de Hespa-nha e residente na cidade do Porto.

Se me não engano, publicou-se a primeira edição hespanhola em 1837, ou no anno anterior. Apenas se deu a conhecer este livro, foi bem acolhido pelo religioso povo de Hespanha: todos os Prelados d'aquella nação o louva-ram e concederam indulgencias pela sua leitura; os parochos o adoptaram para explicarem a seus freguezes a dou-trina christã; o mesmo fizeram muitos directores de collegios para uso de seus alumnos, muitos professores de instruc-ção primaria e muitos paes de familia para seus subordinados.

Muitos Prelados do nosso reino, a quem foi apresentado o *Catecismo de Astete*, como geralmente se denomina o livro de Garcia Mazo, o teem appro-vado e louvado.

E realmente é um livro preciosissi-mo no sen genero, digno de todo o elo-gio; um *livro de ouro*, como lhe cha-mou em 1838 o Bispo de Tuy; um li-vro que deve ser o primeiro na estan-te de todas as familias catholicas, como disse em 1891 o actual Patriarcha de Lisboa.

Poucos catecismos ha tão completos,

claros e methodicos como este que ago-ra se annuncia, em quinta edição por-tugueza.

Cumpre-me dizer que possuo todas as edições anteriores á ultima e que, quando vi esta annunciada, julguei que era recente; mas é a 5.^a edição que sa-hiu em 1891, que eu já possuia. E' em tudo igual ás precedentes no que res-peita ao texto do auctor e a algumas notas de traductor.

E porque vem a proposito, notarei que é uma grande falta, no annuncio de obras litterarias, não mencionar o nome do auctor ou traductor ou addi-cionador (se os tem) e até mesmo o anno da edição. Tudo isto convem sa-ber. Mas é o que não vinha bem claro nos annuncios do catecismo de Mazo.

Se assim fosse, escusava eu de pro-curar a aquisição da edição mencio-nada que julguei posterior á de 1891.

Como se vê pelo titulo do Catecismo, o seu auctor Garcia Mazo dá n'elle as explicações do Catecismo de Astete, as quaes diz elle, convem igualmente ao de Ripalda.

Está muito bem, não tem duvida ne-nhuma; mas que catecismos são esses? Quem foi o tal Astete e o tal Ripalda?

E' o que o auctor nem o traductor declaram; e, comtudo, na minha hu-milde opinião, era isso muito necessa-rio, ou pelo menos, de grande conveni-encia. Porquanto eu creio que a maior parte das pessoas, principalm-ente de Portugal, não teem conhecimento de taes catecismos nem de seus aucto-res.

Sendo o Catecismo de Mazo um hom-livro, um livro optimo para aprender a doutrina christã, com certeza devem ser d'igual merecimento os catecismos de Astete e de Ripalda, de que aquelle dá as explicações.

Uns são mais breves e resumidos, apenas compendios; e outros mais ex-tensos e desenvolvidos; mas todos teem o mesmo fundo, o mesmo valor.

Em consequencia d'isto, julgo ter aqui logar uma breve noticia dos dois catechistas que serviram de thema ao nosso magistral da Sé Cathedral de Valladolid.

Ora pois: temos primeiramente Gas-par Astete, que nasceu em Salaman-ca, no anno de 1537. Entrou na Com-panhia de Jesus, onde foi mestre de noviços; era muito habil na educação moral e instrucção dos hebreus, dos quaes converteu grande numero á reli-gião christã. Era de summa modestia e humildade, e de costumes santis-simos.

O Padre Gaspar Astete falleceu em Burgos a 30 de agosto de 1601, dei-xando como fructo dos seus estudos e do seu zelo apostolico varias obras, das quaes a mais notavel é o *Catecis-*

mo, que em breve se espalhou por toda a Hespanha e serviu em toda a parte para a instrucção dos meninos.

O P. Astete foi eminente na sciencia da catechese, sciencia que o celebre Bacon chamava *base de toda a sciencia*.

Temos em segundo lugar Jeronymo Ripalda, natural do Aragão, onde viu a luz do dia em 1537 (no mesmo anno. em que nasceu o antecedente), fallecendo em Toledo a 21 de abril de 1618.

Era filho d'um modico distincto, chamado Bernardino Ripalda. Entrou na Companhia de Jesus, onde fez vida santa: foi eminente orador sagrado e bom director das almas.

Foi reitor dos collegios de Villa Garcia, Salamanca, Burgos e Valladolid, e por algum tempo confessor de Santa Thereza de Jesus.

Quando morreu, o povo a uma voz o proclamava santo. Entre muitas obras que escreveu, sobresahe o *Catecismo da doutrina christã*, tratado breve mas escripto com solidez e clareza. Teve grande auctoridade, principalmente na Hespanha.

A estes dois jesuitas, dois apostolos, é que seguiu Garcia Mazo no seu *Catecismo da doutrina christã*, livro tão encomiado e applaudido pelos Prelados da Egreja.

Agora já se pode saber a base do livro annuciado, traduzido em portuguez por D. José de Urcullu.

E' na verdade, repito mais uma vez, um Catecismo de muito merecimento, que não posso deixar de recomendar a todos os que se occupam de catechisar os meninos: e um Catecismo que devem estudar todos os que procuram instruir-se na doutrina christã.

Voltarei ao assumpto, e então fallarei do famoso Catecismo do P. Pedro Canisio, da Companhia de Jesus, não menos notavel, e talvez mais, que os de Astete e Ripalda; e tambem direi duas palavras de tão gabado *Catecismo de Montpllier*.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ

SECÇÃO LITTERARIA

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES

(Versão do francez)

(Continuado do n.º 23)

Bernardette não era hysterica

Pondo intencionalmente de parte todas as observações do Dr. Dazous relativas ao estado particular de Bernardette que nós já consignalámos, vamos

especialmente estudar um facto pelo menos singular em que a *personalidade* do observador entra d'uma maneira bem distincta.

Vamos estudar o alcance especial do que se chama o milagre do cirio.

*
* *

Copiemos textualmente a relação que o Dr. Dazous faz do dicto milagre.

«Um dia que Bernardette parecia mais absorvida que de ordinario pela vista da sua apparição, eu fui testemunha, bem como todas as pessoas que me cercavam, do facto que vou contar.

«Bernardette estava de joelhos recitando com grande fervor as orações do roزاریo que tinha na mão esquerda, enquanto tinha na direita um cirio bento acceso.

«No instante em que começava a fazer de joelhos a sua ascensão ordinaria parou de repente, e a sua mão direita, aproximando-se da esquerda collocou a chamma do grosso cirio debaixo dos dedos d'esta mão, bastante afastados uns dos outros para que esta chamma podesse passar facilmente entre elles. Activada n'este momento por uma corrente d'ar fortissimo, não me pareceu produzir sobre a pelle que *atingia* a menor alteração.

«Admirado á vista d'este estranho facto obstei a que o fizessem cessar, e, tomando o meu relógio, pude, durante um quarto de hora, *observar-o perfeitamente*.

«Bernardette, depois d'este intervalo de tempo, avançou sempre em extasis para o alto da gruta, deslocando as mãos e afastando-as uma da outra. D'este modo fez cessar a acção da chamma sobre a mão esquerda.

«Acabada a sua oração, e tendo desaparecido a transformação do seu rosto, Bernardette levantou-se a dispôz-se para se afastar da gruta. Eu retire-a um momento e pedi-lhe que me mostrasse a mão esquerda, que eu *examinei com o maior cuidado*. Em parte alguma encontrei o *menor signal de queimadura*.

«Dirigindo-me então á pessoa que havia tomado o cirio, pedi-lhe que o tornasse a accender e que m'o desse. Apenas eu colloquei muitas vezes a seguir a chamma do cirio debaixo da mão esquerda de Bernardette, logo ella a afastou *muito depressa* dizendo me: *O snr. queima-me*.

«Este facto, que eu relato *tal como o vi*, muitas pessoas que estavam, como eu, perto de Bernardette, o *verificaram perfeitamente*; eu conto-o *como elle se produziu, sem o explicar*.»¹

*
* *

O valor d'esta observação está nos tres pontos seguintes:

1.º A chamma d'um cirio pôde, durante um quarto de hora, estar em contacto com a mão de Bernardette sem que esta *sentisse* a queimadura;

2.º Esta mesma chamma não produziu as *lesões ordinarias* das queimaduras; (1)

3.º No fim do extasis, tendo-se-lhe aproximado o cirio da mão, Bernardette experimentou a sensação *ordinaria* dos que se queimam.

*
* *

E' certo antes de tudo que este facto *extraordinario* não pôde ser *negado*, pois que o Dr. Dazous ponde estudal-o mathematicamente por espaço de quinze minutos.

Por outro lado o Dr. Dazous não pôde *enganar se* sobre a interpretação do mesmo facto, porque todas as pessoas presentes o *viram* como elle.

Sendo certo o facto, que consequencias devemos tirar?

Bernardette teria sem duvida podido, durante o extasis, se elle fosse de ordem *puramente nervosa*, não sentir a dôr provocada pela chamma do cirio.

Vê-se effectivamente com frequencia que alguns hystericos e epilepticos são absolutamente *insensiveis* no estado de crise. N'este caso o phenomeno, posto que singular á primeira vista, *explica-se* perfeitamente pelos dados da sciencia.

O que *não se pôde explicar*, é que, durante quinze minutos de contacto, a chamma do cirio não tenha produzido *lesão alguma* sobre o orgão atingido.

Todas as leis *fundamentaes* da natureza foram lesadas n'este caso.

A chamma do cirio deveria pelo menos *denegrir* a mão de Bernardette, e comtudo Dazous não viu tal phenomeno.

A chamma do cirio deveria sobretudo *carbonisar* os dedos de Bernardette, e o Dr. Dazous não conseguiu vêr o menor signal de queimadura.

*
* *

As consequencias d'estas observações conduzem fatalmente ás duas conclusões seguintes:

1.º No dia 7 de Abril de 1858 deu-se em Lourdes, perante as rochas de Massabielle, um facto *extra-natural*, verificado por um medico cercado de numerosas *testemunhas*, e a sciencia moderna é *incapaz* de o explicar;

2.º Bernardette Soubirous mostrou n'este dia que se encontrava n'um estado particular excluindo d'uma maneira

(1) Dazous, La Grotte de Lourdes, p. 56
57, 58

ra absoluta qualquer hypothese de *simulação* ou de *doença nervosa*.

*
* *

O facto é effectivamente extra-natural, porque não é *natural* que um corpo em ignição não communique o seu calor ao objecto que toca.

Pelo que diz respeito a Bernardette, demonstra mais uma vez que esta singular menina se encontrava durante os extasis n'um estado particular, que é impossivel *definir e comprehender* pelos meios humanos.

Este estado não pôde ser *simulado*, porque é materialmente impossivel que uma creatura possa sem se mover supportar por quinze minutos os soffrimentos d'uma queimadura.

A *insensibilidade*, provocada por uma doença nervosa qualquer, não teria impedido, por outro lado, que os tecidos attingidos fossem *carbonisados*.

*
* *

A unica hypothese que poderia em rigor explicar este phenomeno singular seria, que as mãos de Bernardette teriam sido *preparadas* antecipadamente, cobertas d'um pó incombustivel especial.

O argumento é pueril, mas nós vamos entretanto explicar a impossibilidade d'esta intrujice.

Em primeiro logar o producto incombustivel teria podido preservar os tecidos por alguns instantes, nunca por um quarto de hora.

E ainda mesmo que assim fôsse, isto não obstará a que se depositassem particulas negras sobre a região attingida pela chamma.

O Dr. Dazous teria de resto percebido o embuste facil de descobrir, e, Bernardette, por sua vez, não teria experimentado a sensação *immediata* da queimadura, quando o Dr., *sem a advertir*, approximava de suas mãos o cirio accesso.

*
* *

Em resumo, produziu-se, na apparição de 7 d'Abril, um facto *material*, que salta aos olhos de todos os que estão presentes.

Este facto foi minuciosamente observado por um medico, que o estudou mathematicamente, *com o relógio na mão*.

Não fica menos scientificamente *inexplicavel*.

(Continúa)

Os dois pastores

(Episodio da vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres)

E' rigoroso inverno. A neve alveja
Em monte e valle, em frigido tapiz;
Fragosa, arida é a via; e lá negreja,
No triste e opaco ceo, plumbeo cariz.

Pelas ermas quebradas ruge o vento,
E já das nuvens frias chuva cae:
Mas nada turba o fundo pensamento
Em que o santo Pastor immerso vae.

Do sequito apartado, a natureza
Repasce o entendimento e os olhos seus;
E a sua formosura, horror, grandeza,
São-lhe incentivos ao louvor de Deus.

Em alta penha e descoberto posto,
Eis presto á vista sua appareceu
Pobre menino, ao vento e á chuva exposto,
De roupas mal provido o corpo seu.

A' intemperie insensivel, vigiava
De esparsas ovelhinhas mansa grei,
Que as broncas plantas do alcantil pastava,
E a quem a sua voz impunha a lei.

O asp'ro logar, do tempo a inclemencia,
E a leve veste o Antistite notou;
Do pobresinho a idade e a paciencia
Ao coração de pae não lhe escapou.

E junto á penha uma lapinha via,
Que abrigo dera contra o vendaval,
Scismando como alli não se acolhia
O pequenino e misero zagal.

No terno peito a piedade entrava;
O tardo passo á mula susta pois;
E encantador dialogo se trava,
De sabia lição fertil, entre os dois.

—Desece abaixo á lapinha, pastorinho,
Vem-te n'ella da chuva resguardar;
Que, tão mal enroupado, esse corpinho
Soffre e periga, exposto em tal logar.

—«Isso não, padre meu, porque se alerta
Não estou, se não abro os olhos bem,
Ou o anho mata-me a raposa esperta,
Ou a ovelha levar-me o lobo vem.»

—Que mal vae n'isso?—«A mim mui grande ira
Pois contas devo em casa dar ao pae,
Que bradará commigo, e tão bom dia
Se elle dos ralhos e clamor não sae!»

«Por ordem sua, as rezas eu vigio,
E elle, severo, me vigia a mim:
Mais vale, pois, soffrer a chuva e o frio,
Que á vara sua aventurar me assim.»

Mudo e quedo o Arcebispo se ficara,
Em tão sabia resposta a reflectir;
E o sequito esperando, o que passara
Co'o menino se apressa a repetir.

—«E este roto innocente eis ensinando
A ser prelado a frei Bartholomeu,
As suas ovelhinhas vigiando,
Por mais tormentas que fulmine o céol

«Pois se, tão sem resguardo p'ra affrontal-as,
Não lhes busca sollicito fugir,
Preferindo o rigor de supportal-as
A do pae o mandado não cumprir,

«Que plausivel razão dar eu podera,
Se, omisso, descuidasse o meu dever,
Porque a saude molestar temera,
Ou um pouco de frio padecer;

«E se o rebanho assim desamparasse,
Cujó cuidado me confiou Jesus,
Para que, desvelado, o apascentasse,
E para o céo lhe fosse guia e luz?»

E ou das nuvens desabe a chuva fria,
Ou rujam nas quebradas vendavaes,
Sem cuidados, amor, doutrina e guia
O seu rebanho não deixou jámais.

A. Morcira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Leoncio e companheiros martyres

Segundo diz o martyrologio romano, os nomes d'estes companheiros foram Hieronides ou Cronides, Serapião, Selsio ou Selsio, Valeriano, e Stratão.

S. Leoncio, S. Cronides e S. Serapião foram lançados ao mar, no tempo do imperador Maximiano, mas apezar de terem sido atador de pés e mãos, foram tirados para fóra pelos anjos, que avisaram os christãos, para lhes darem sepultura condigna.

As reliquias d'estes santos veneram-se ainda hoje no mosteiros de Santa clara de Alcandete, tendo sido enviadas por Paulo V em 1607 ao conde de Benavento que as deu a sua tia a condessa de Alcandete, que por seu turno as deu ao convento.

SECÇÃO NOTICIOSA

Varias noticias

Esteve em Lisboa uma esquadra ingleza composta dos couraçados, *Mages-tic, Magnificent, Resolution, Hannibal, Mars, Arrogant, P. George, Diadem, Repulse e Pactolus*, commandada pelo vice-almirante Sir H. Rawson.

Houve grandes festas na capital, havendo banquetes no paço real, a bordo do *Magestic*, e na sala do Risco, na Real sociedade de Geographia. Os couraçados inglezes illuminaram, de noite, a luz electrica, produzindo uma vista esplendida, que foi preseuciada por quasi todo a cidade.

El-rei pronunciou no banquete a bordo do navio almirante um eloquento brinde em que se congratulou pelo tratado de aliança entre Portugal e a Grã-Bretanha, saudando a Rainha Victoria. O vice-almirante agradeceu, fazendo votos pela prosperidade de Portugal e de toda a familia real portugueza, e desejando que produzissem bons fructos a alliança reciproca das duas nações amigas.

—Esteve em riscos de haver nm conflicto diplomatico entre Portugal e a Hollanda, por causa d'um mal entendido da parte da Hollanda em referencia ao procedimento havido para com o snr E. Pott, consul hollandez

am Lourenço Marques. Ha muito que as auctoridades portuguezas sabiam que o consul fazia contrabando de guerra a favor dos boers, compromettendo o paiz junto do qual estava acreditado, visto que Portugal era neutral.

Foi avisado, e não quiz emendar-se. Houve troca de officios, entre o ministro dos negocios estrangeiros e o governo hollandez; mas como não houvesse providencias, foi intimado o consul a sair de Lourenço Marques. O resultado d'isto foi ter de sair de Lisboa o ministro plenipotenciario hollandez, julgando-se por isso haver uma ruptura de relações entre os dois paizes. Mas á hora em que escrevemos, cremos estar posto de parte esse receio porquanto ficou o consul geral em Lisboa como encarregado de negocios, tendo declarado o embaixador que partia para Haya, a uso de licença. E' de crer que o governo hollandez tenha ja reconhecido a justiça que nos assiste, n'esta questão.

Publicações

Recebemos e agradecemos as seguintes:

—«Almanach de Santo Antonio, para 1901. E' uma publicação importante, que muito convém aos catholicos, e que vem interessantemente collaborado, e com bellissimas illustrações. E' o que se chama juntar o util ao agradável.

—Fasciculo n.º 77 do «Cathecismo da Perseverança,» formosa e esplendida publicação editada pelo nosso amigo o Snr. Antonio Dourado. Apesar de estar prestes a terminar o 8.º e ultimo volume, ainda se recebem assignaturas, no escriptorio do editor, no Passeio da Graça, Porto. Cada volume custa 1,5000 rs. por assignatura.

«Alem tumulo» primeiro volume de uma Biblioteca de propaganda religiosa de que é editor o snr. Antonio Figueirinhas.

E' um volume de 128 paginas, escripto por um parochio, e approvado pelo venerando bispo d'esta diocese, tratando da definição do dogma do inferno.

Recommendamol-o aos nossos leitores.

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos illustres collaboradores de não lhes termos publicado os seus escriptos, no presente numero, em razão de termos querido publicar a parte mais importante do Congresso Catholico do Porto, em cujo numero se inclue o importantissimo discurso pronunciado pelo nosso querido amigo, o erudito e intelligentissimo Padre Manoel Marinho, o livre

jornalista que ainda ha pouco tam denodadamente defendeu a casa do Bom Pastor, das calumnias que lhe levantaram os seus inimigos. No proximo numero, porém, publicaremos os artigos que hoje não pudemos publicar.

Aos nossos bondosos leitores submettemos novamente a circular que conjunctamente com o anterior numero tivemos a honra de individualmente lhes remetter; e para ella, por ser este o ultimo numero do presente anno de 1900, chamamos a sua attenção, convencidos de que nos hão de attender, por julgarmos de toda a justiça o pedido que ahí lhes fazemos.

Cremos ter sido o mais claro possivel na nossa sollicitação, e, attentas as vantagens que proporcionamos a todos, e á barateza irrecusavel do *Progresso Catholico*, que nenhum dos nossos assignantes se recusará ao que lhes pedimos.

Segue novamente a Circular dirigida aos nossos bondosos assignantes:

Vae no proximo anno de 1901 entrar no XXIII anno da sua publicação este campeão da causa catholica, strenuo defensor das prerogativas da Egreja.

Se já n'este anno adoptou alguns melhoramentos, espera iniciar o futuro anno com uma escolhida collaboração e melhor selecção de noticias, para ser mais agradável aos srs. assignantes.

*No anno presente custava a assignatura annual 800 rs., e com brinde 940 rs. Era, apesar de quinzenal o jornal mais barato que se publicava, porque é illustrado, e apresenta ao fim do anno um nitido volume com 288 paginas a 3 columnas, e pelo menos 48 gravuras. Mas os brindes que dava aos assignantes eram só **A Mãe segundo a vontade de Deus, ou o Livro de Todos**, ambos do Rev. Padre J. Berthier.*

Para o anno altera a direcção do jornal estes preços. Continua a ser de 800 rs. o preço da assignatura annual, para os srs. assignantes que não quizerem brinde, tendo ainda assim uma obra anexa que é sempre uma publicação de reconhecida utilidade, e que é commum para todos os assignantes. Aquelles porém que pagarem adelantadamente a quantia de 1,5000 rs. são considerados assignantes benemeritos, e tem direito a escolherem como brinde, alguma das seguintes obras:

1.ª Vida de S. João de Deus
—2.ª Vida do B. João Grande
—3.ª Jesus vivo no Padre —4.ª Horas de Piedade—5.ª A Mãe

segundo a vontade de Deus—6.ª Livro de Todos—7.ª Tres Rosas dos Escolhidos—8.ª Sorrisos d'um Velho 9.ª A Santa Montanha de La Salette—10.ª A questão dos Jesuitas—11.ª Vida Popular de S. Vicente de Paulo—12.ª Bento José Labre—13.ª Tudo por Jesus—14.ª Jesuitas e mais alguma coisa—15.ª O Mez dos Finados—16.ª Meditações para o mez de Maio—17.ª Modo d'ouvir missa pelos defunctos—18.ª Mez de S. José ou violeta de Março.

*Além d'isso o assignante que pagar 1,5000 rs. tem o seu nome publicado n'uma secção especial que vamos abrir no principio do proximo anno, como amigo que se considera do **Progresso Catholico**. Mas estas assignaturas são verdadeiramente voluntarias, e para isso é necessario o pagamento adelantado da quantia de 1,5000 rs. Todos os saques mandados para o correio, para pagamento de assignaturas em divida serão de 800 rs. apenas, como assignantes ordinarios.*

*

*A administração e redacção do **Progresso Catholico** roga encarecidamente a V. Ex.ª a fineza de angariar alguma assignatura—uma só que seja—para evitar que o jornal se veja obrigado a interromper a publicação por falta de recursos. E a V. Ex.ª não se torna muito penivel obter uma assignatura, entre os seus amigos; e bastava que cada assignante fizesse outro tanto, para duplicando o numero de subscriptores, poder a empresa viver mais desafogadamente.*

*

Os srs. assignantes que ainda estejam em debito, a maior fineza que podem fazer á empresa é mandarem satisfazer com promptidão, o que a empresa desde já muito penhorada agradece.

ANNUNCIOS

Almanach de Santo Antonio PARA 1901

3.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Já está á venda este excelente almanach. Vem consideravelmente melhorado, tanto na parte litteraria como na parte artistica. Insere numerosos artigos doutrinaes e moraes, poesias escolhidas de auctores contemporaneos e de outros já fallecidos, historias e lendas religiosas, contos moraes, aneddotas, e pensamentos, curiosidades etc.

Preço: Em brochura, 250 réis; encadernado com bellissima capa de percalina, 320 réis.